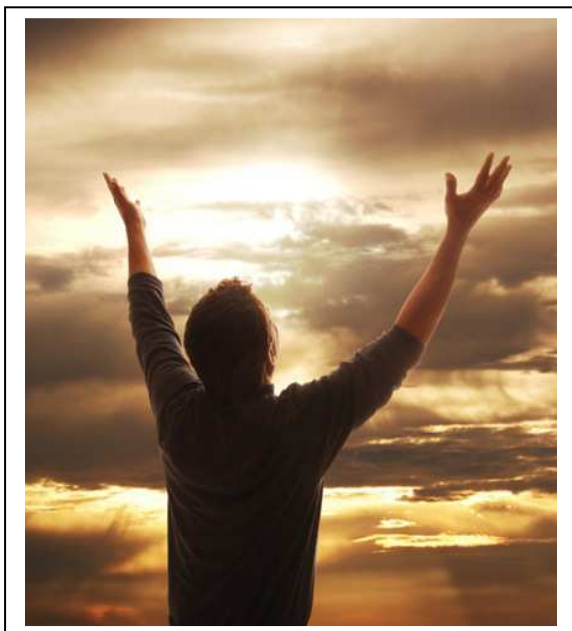


O “CULTO RACIONAL” NO ENTENDIMENTO DO APÓSTOLO PAULO



"Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês." (Romanos 12.1 – Nova Versão Internacional)

1. INTRODUÇÃO

De maneira geral, quando a palavra “culto” é mencionada, o termo prontamente é associado a algum tipo de “homenagem, de caráter religioso, ao que se considera divino ou sagrado”¹ ou ao “conjunto de atitudes e ritos pelos quais se adora a divindade”². Quando se trata do termo “adoração”, normalmente o que surge é a ideia de algo ligado ao contexto da música. Muitos cristãos consideram o sermão como o principal veículo de condução da

Palavra de Deus; não atentam para o fato de que a Palavra de Deus não deve apenas ser pregada, mas também cantada, lida e até orada quando o povo de Deus se reúne para adorá-Lo. Já a música pode fazer – e com frequência faz – parte da adoração, mas não é fundamentalmente necessária. Infelizmente, para muitas pessoas música é adoração e adoração é música. Em razão disso transformam a música em objeto de veneração. De acordo com o doutor e professor de música sacra, Harold E. Singley III, “pastores, líderes de ministério de música e outros que participam na direção do culto perpetuam o uso indevido do termo com expressões como: ‘Vamos ter agora um tempo de adoração (ou louvor)’, quando, na verdade, estão se referindo a um tempo de cânticos (ou música). Seria mais correto dizerem: ‘Vamos continuar a adorar, levantando nossa voz e coração em um cântico ao Senhor’”³.

O culto é um fenômeno multireligioso e multicultural, ou seja, está presente em todas as culturas, de todos os tempos e lugares. Como afirmou o filósofo grego Plutarco (45 d.C.–120 d.C.), “podereis encontrar uma cidade sem muralhas, sem edifícios, sem ginásios, sem moedas, sem culturas de letras. Mas, jamais irá encontrar um povo sem um Deus, sem oração, sem ritos, sem sacrifícios”. O fator cultural surge como complicador em nossa tentativa de compreender o significado bíblico do que seja “prestar culto” a Deus. Basicamente, o termo “cultura” pode ser definido como “o conjunto

¹ HOUAISS, Antônio. *Novo dicionário Houaiss da língua portuguesa: com a nova ortografia da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009. 2.048 p.

² *Ibid.*, p. 2.048.

³ KOESSLER, John. *Manual de pregação*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. 39 p.

de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social”⁴. Como sabemos a cultura é dinâmica e, portanto, sofre mudanças ao longo do tempo⁵. Além de reunir tradições do passado, ela corresponde e se acomoda à modernidade de uma sociedade tecnológica cada vez mais urbana. A invenção ou introdução de novos conceitos, a difusão de novas ideias a partir de outras culturas e a revelação de algo até então desconhecido pela sociedade, produzem extensas mudanças culturais. Traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades distintas nas mais diferentes sociedades. Com isso, nossa consciência, nossa visão de mundo, também sofre transformações. O teólogo alemão Rudolph Karl Bultmann (1884–1976) argumentou que “*não existe evangelho puro nem exegese neutra ou destituídas de pressupostos, de modo que a tarefa hermenêutica é circular, com interação constante entre objeto e sujeito, entre texto e intérprete*”.

A igreja está inserida em um contexto social pós-moderno cheio de transformações e inovações. Sendo a liturgia o conjunto de elementos e práticas do culto religioso, ela tem sido seriamente afetada e distorcida em suas características levando cristãos a receberem diversificadas formas de influências e ensinamentos em sua aplicabilidade. Muitas vezes surgem conceitos e formas distorcidas sobre o que é liturgia e o seu movimento prático no culto. Geralmente isso decorre da falta de um verdadeiro conhecimento bíblico-teológico do que vem a ser a liturgia dentro do processo de cultuar a Deus.

De acordo com o sociólogo cristão Gedeon Alencar, “*a matriz cultural brasileira tem três componentes originais: indígena, católica e afro. Os três têm contribuição visível à cultura brasileira*”⁶. Essa realidade acaba se reverberando também nas igrejas protestantes. Não raramente encontramos igrejas, ditas “evangélicas”, que manifestam na estrutura organicista e ambiência cültica, a necessidade do visível e do palpável (influência católica), a ênfase no oculto e no sobrenatural (influência afro), e práticas de fé associadas ao misticismo⁷ e a superstição⁸ (influência indígena). Tudo isso sem mencionar as oferendas e sacrifícios que permeiam os exercícios litúrgicos dessas

⁴ HOUAISS, Antonio. *Novo dicionário Houaiss da língua portuguesa: com a nova ortografia da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009. 2.048 p.

⁵ No que se refere a liturgia cültica, em meados dos anos 80, o órgão de tubos de metal e madeira – outrora usado em jogos, no circo, nos anfiteatros e durante as orgias sexuais romanas – era considerado instrumento musical “sacrossanto” e deveria estar presente em todas as igrejas evangélicas. Já os pratos que compõem uma bateria, na visão de alguns crentes da mesma época, foram forjados no “fogo do inferno”. Nos dias atuais, em algumas igrejas a bateria ainda é considerada um instrumento musical “da carne” e seus componentes mundanos, pagãos e até demoníacos – pelo fato da primeira pessoa registrada na Bíblia a usar instrumento de percussão ter sido Lúcifer, cf. Ezequiel 28.13 (acesse <http://www.baptistlink.com/creationists/bateria.pdf>).

⁶ ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005. 160 p.

⁷ **Misticismo**. Inclinação para acreditar em forças e entes sobrenaturais; crença de que o ser humano pode se comunicar com a divindade ou receber dela sinais ou mensagens. (Dicionário Houaiss)

⁸ **Superstição**. Crença ou noção sem base na razão ou no conhecimento, que leva a criar falsas obrigações, a temer coisas inócuas, a depositar confiança em coisas absurdas. Crença em presságios e sinais, originados por coincidências ou acontecimentos fortuitos. (Dicionário Houaiss)

mesmas “igrejas” – através das famosas “campanhas” ou “atos de fé”. Além disso, todos nós, ainda que inconscientemente, temos nossa compreensão de culto afetada pelas idiosincrasias⁹ das pessoas com as quais nos relacionamos no ambiente litúrgico ao qual pertencemos.

Durante os ajuntamentos solenes é fácil percebermos que, grande parte das pessoas que “prestam culto” a Deus, o fazem de maneira habitual, condicionada e na maioria das vezes irreflexiva. Um exemplo disso é o uso indiscriminado de determinadas expressões e jargões durante o período litúrgico em muitas igrejas evangélicas. Nelas há crentes que, tomados pelo antiintelectualismo, são capazes de bradar: “glória a Deus!”, logo após alguém acabar de testemunhar uma tragédia pessoal. Outros se acostumaram a clamar “aleluia!”, do hebraico הַלְלוּ-יְהוָה (*halelu-yah* = “louvai a Yah”)¹⁰, mesmo sem ter a menor ideia do significado desse termo. Sem contar aqueles que berram “amém!” sempre que ouvem uma voz mais exaltada oriunda do púlpito.

O apóstolo Paulo, quando escreveu aos cristãos em Roma, procurou dar uma definição do que seja prestar a Deus um culto coerente, harmônico, racional. Porém, o que vemos hoje é o subjetivismo exagerado no que concerne o conceito de “culto racional” – tanto pelo lado conservador como pelo liberal. O objetivo deste estudo, portanto, é analisar o conceito de “culto racional” no entendimento de Paulo e, posteriormente, perceber suas implicações na vida cristã hodierna. Que o Espírito Santo nos ilumine e nos forneça a porção necessária de entendimento e compreensão para a correta interpretação das Sagradas Escrituras.

2. ANÁLISE SEMÂNTICA DOS VOCÁBULOS

Culto, do grego λατρείαν (*latreían*), significa “desempenhar serviços religiosos, ofertar dons, adorar a Deus na observância dos ritos instituídos para sua adoração”.¹¹ A raiz da palavra, λατρίς (*latrís*), significa “empregado assalariado”. Refere-se, não a escravidão, mas a aceitação voluntária do trabalho. Etimologicamente, é a mais elevada homenagem que se presta a uma divindade, isto é, adoração na mais restrita acepção do termo.

Liturgia, do grego λειτουργία (*leiturgia*), significa “ação feita para o povo, em favor do povo” ou “serviço diretamente prestado para o bem comum”. Trata-se da celebração religiosa pré-definida, de acordo com as tradições de uma religião em particular. O sentido moderno inclui o

⁹ **Idiosincrasia**. Maneira de ver, sentir, reagir peculiar a cada pessoa. É uma disposição do temperamento, da sensibilidade que faz com que um indivíduo sinta, de modo especial e muito seu, a influência de diversos assuntos. (Dicionário Houaiss)

¹⁰ O termo “*halelu-yah*” é uma **convocação** para que todos os homens “louvem a Yah [contração de **Yahweh**]”. Desse modo, teologicamente, não podemos colocar o próprio Deus como sujeito dessa ação, algo que ocorre, por exemplo, no hino 135 (“Louvamos-te ó Deus”) do Cantor Cristão – hinário da Igreja Batista do Brasil publicado pela JUERP.

¹¹ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

conjunto de elementos e práticas do culto religioso. Antes mesmo de esta palavra ser usada pela Igreja, os gregos a usava para indicar qualquer trabalho realizado a favor do povo e pelo povo, em forma de mutirão. O papel da liturgia é organizar o culto, de modo que envolva toda a comunidade e facilite o entendimento.

Racional, do grego λογικήν (*logikén*), significa “*pertencente à faculdade mental do pensamento*”, “*meditação*”, “*cálculo*”, “*raciocínio*”, “*atividade intelectual*”.¹² A lógica do raciocínio envolve: a) o que eu faço; b) como eu faço o que faço; e c) por que eu faço o que faço da forma como faço.

O serviço a Deus (λατρείαν), deve ser inteligente (λογικήν), sensato, ponderado, em contraste com os oferecidos por ritual e compulsão; a apresentação deve estar em conformidade com a inteligência espiritual daqueles que são novas criaturas em Cristo e estão cientes da “compaixão de Deus”.

3. O CONCEITO DE CULTO RACIONAL NO ENTENDIMENTO DO APÓSTOLO PAULO

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês.” (Romanos 12.1 – Nova Versão Internacional)

Ao iniciar a frase com a conjunção, “portanto”, o apóstolo Paulo indica que a conclusão do seu raciocínio se baseia no que ele escrevera anteriormente (cf. capítulos 1 a 11) e dele segue. Mas o que ele tinha em mente quando proferiu essa locução? Que caracterização o apóstolo dos gentios deu para a expressão “culto racional”?

Se fizermos uso da gramática normativa, a partir de aspectos lógicos e gerais observados na língua culta, poderemos lançar mão de figuras de criação (ou figuras de sintaxe) e através de uma figura de construção (também chamada de figura sintática), construir uma “inversão” da parte “b” do texto bíblico acima, produzindo assim uma mudança na ordem direta dos termos na frase (sujeito + predicado + complementos). De forma que o trecho “*que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês*” em ordem direta teria a seguinte transcrição: “*este é o culto racional de vocês: que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus*”.

O apelo de Paulo capta o âmago do que significa viver como cristão. O apóstolo ensina os seus leitores que, o serviço inteligente prestado a Deus (culto racional), deve contemplar a apresentação de tudo o que compõe a essência do ser humano (incluindo suas faculdades cognitivas como intuição, sentimento, pensamento, vontade etc.), perante a presença de Deus. O cristão deve se oferecer a Deus

¹² VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 921-922 p.

na totalidade da sua vida concreta. Ele precisa se tornar de Deus através da livre entrega de si mesmo. Esta entrega deve, naturalmente, ser continuamente renovada.

Na carta escrita aos Romanos o apóstolo Paulo faz alusão ao método sacrificial ordenado por Deus ao povo de Israel no Antigo Testamento. Nele o animal era primeiramente apresentado vivo perante Deus, sendo depois sacrificado e totalmente oferecido a Ele como aroma suave, oferta queimada ao SENHOR:

"[10] *Mandarás trazer o novilho diante da tenda da revelação, e Arão e seus filhos colocarão as mãos sobre a cabeça do novilho. [11] Matarás o novilho em sacrifício diante do SENHOR, à entrada da tenda da revelação (...). [13] Também pegarás toda a gordura que cobre as vísceras, a protuberância do fígado, os dois rins e a gordura que houver neles, e os queimarás sobre o altar. [14] Mas queimarás fora do acampamento a carne, o couro e o excremento do novilho; é sacrifício pelo pecado. [15] Depois pegarás um carneiro, e Arão e seus filhos colocarão as mãos sobre a cabeça dele, [16] e matarás o carneiro em sacrifício. Pegarás o sangue e o derramarás sobre o altar ao redor; [17] e cortarás o carneiro em partes, lavarás as vísceras e as pernas, e as colocarás sobre a cabeça do carneiro e sobre as demais partes. [18] Depois queimarás todo o carneiro sobre o altar; é holocausto para o SENHOR; é aroma suave, oferta queimada ao SENHOR.*" (Êxodo 29.10-18)

Observação: Na época do apóstolo Paulo os sacrifícios de animais ainda eram feitos duas vezes por dia na adoração do templo em Jerusalém.

O judaísmo antigo e algumas escolas filosóficas usavam frequentemente o termo “sacrifício” para, figurativamente, expressar um estilo de vida de adoração¹³. Paulo intencionalmente adota a linguagem do Antigo Testamento (ao fazer menção do sacrifício e das cerimônias de consagração) a fim de mostrar o contraste com o chamado do cristão. Em vez de corpos de animais queimados em um altar (cf. Hebreus 13.11), o culto cristão requer uma entrega diária dos nossos membros vivos para fazer a vontade de Deus. Cada um dos nossos atos de obediência pode ser considerado como um gesto de adoração! **Deus não quer que morramos por Ele, mas que vivamos, diariamente, para Ele.**

Quando reconhecemos tudo o que Deus fez por nós em Seu Filho (como Paulo analisou nos capítulos de 1 a 11), percebemos que nos oferecer a Deus como “*sacrifício vivo*” é, na verdade um ato consciente de adoração, ou seja, um culto racional. A palavra “vivo” nos lembra do que Deus fez por nós: somos pessoas que agora estão “*mortas para o pecado, mas vivas para Deus, em Cristo Jesus*” (cf. Romanos 6.11). Paulo nos encoraja a considerar toda a nossa vida cristã como um ato de adoração. Não é apenas o que fazemos aos domingos, dentro de uma igreja, que “atribui valor” para Deus, mas o que Deus e o mundo veem em nós a cada dia e a cada momento da semana.

¹³ KEENER, Craig S.. *Comentário bíblico Atos: Novo Testamento*. Trad. José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004. 456 p.

No texto, o verbo “apresentar”, do grego *παριστήμι* (*paristêmi*), significa “*apresentar-se de uma vez por todas*”. Ordena uma entrega definitiva do corpo ao Senhor, como os noivos se entregam um ao outro na cerimônia de casamento. É essa entrega definitiva que determina o que fazem com o corpo.¹⁴

4. O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO CRISTÃO

Princípio regulador do culto (ou **princípio regulador da adoração**) é a designação dada à forma como os calvinistas interpretam a relação entre o culto cristão e o segundo mandamento. De acordo com esta perspectiva, Deus só deve ser adorado da forma que Ele mesmo requer nas Escrituras Sagradas.

O Princípio Regulador do Culto recebeu sua forma clássica e definitiva nas confissões de fé reformadas do século XVII. Foi editado em linguagem idêntica na Confissão de Fé de Westminster e na Confissão Batista Londrina de 1689. Desta última extraímos a seguinte afirmativa:

“A luz da natureza mostra que existe um Deus, que tem senhorio e soberania sobre todos, que é justo, bom, e faz o bem a todos; e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido, de todo o coração, de toda a alma, e com todas as forças. Mas a maneira aceitável de se cultivar o Deus verdadeiro é aquela instituída por Ele mesmo, e que está bem delimitada por sua própria vontade revelada, para que Deus não seja adorado de acordo com as imaginações e invenções humanas, nem com as sugestões de Satanás, nem por meio de qualquer representação visível ou qualquer outro modo não prescrito nas Sagradas Escrituras.”

O Princípio Regulador do Culto afirma apenas isto: “*O verdadeiro culto é ordenado somente por Deus; o falso culto é algo que Ele não ordenou*”.¹⁵ A adoração para o crente deve ser uma expressão do amor de Deus retornando para Ele mesmo. Sendo assim, não faz sentido gastarmos tempo e energia discutindo as “circunstâncias de culto” que se fazem presentes nas igrejas, tratando-as como se fossem dogmas. Não podemos legislar sobre aquilo que o próprio Deus não o fez. Por exemplo: Há quem condene o uso de tecnologias visuais (como o *PowerPoint*) nos cultos, justificando que elas empobrecem o raciocínio do público acerca do assunto. Outros afirmam que a ausência de música escrita nas igrejas, graças à projeção das palavras, só dificulta o aprendizado de novas canções. E por mais fantasioso que pareça, há quem defenda, no lugar de púlpitos relativamente pequenos de acrílico transparente, o uso de púlpitos foscos, com altura igual ou superior a 1,73 metros, com o objetivo de “esconder” o pregador, para que a Palavra de Deus seja exaltada e não aquele que a está

¹⁴ WIERSBE, Warren W.. *Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento*. Vol. I. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 719 p.

¹⁵ MATTHEW MCMAHON. O princípio regulador do culto. Disponível em: http://www.editorafiel.com.br/artigos_detalhes.php?id=44. Acesso em: 05/06/2013.

ministrando.¹⁶ São conceitos e normas que só levam a discussões tolas e que não trazem o mínimo de sentido prático.

5. CONCLUSÃO

Os primeiros onze capítulos de Romanos deixam claro que a vida prometida ao homem que é justo pela fé deve ser vida de obediência. **O “culto racional” no entendimento do apóstolo Paulo se refere a obediência (culto) do cristão e sua resposta (racional) ao que Deus fez por ele e por todos os homens em Jesus Cristo.** Seu fundamento é a gratidão pela bondade de Deus. Isso significa que todo esforço moral verdadeiramente cristão é teocêntrico, com sua origem na ação benévola de Deus.

O cristão deve se oferecer, em toda a sua vida, a Deus como sacrifício. O uso de nossos corpos é caracterizado pela devoção consciente e consagrada a Deus e a Seu serviço. Não é só uma entrega de pensamentos, sentimentos e aspirações interiores, mas também de palavras e ações exteriores de obediência de vida. Sendo já de Deus pelo direito da criação e pelo direito da redenção, o cristão precisa ainda tornar-se de Deus em virtude da sua própria entrega livre de si mesmo. E esta entrega deve, naturalmente, ser continuamente renovada.

Na visão de Paulo, a oferta, constantemente repetida, de nós mesmos em todo o nosso viver concreto como sacrifício para Deus, é a verdadeira ação de adorar. O apóstolo Paulo não está convidando para os seus leitores para o martírio. Pelo contrário. Para Paulo, o verdadeiro culto deve incluir o todo da vida cristã dia a dia e que nenhuma adoração cultual pode ser aceitável a Deus desacompanhada da obediência de vida (cf. Isaías 1.10-17; 58.1-11; Amós 5.21-24) e da compreensão adequada da verdade do Evangelho.¹⁷

Antes de crer em Cristo, usávamos o corpo para prazeres e propósitos pecaminosos; agora que pertencemos ao Senhor, usamos o corpo para Sua glória. O corpo do cristão é o templo de Deus (cf. 1Coríntios 6.19-20), pois o Espírito de Deus habita nele (cf. Romanos 8.9). É nosso privilégio glorificar e engrandecer a Cristo com nosso corpo (cf. Filipenses 1.20-21). Assim como Jesus Cristo precisou ter um corpo para realizar a vontade de Deus na Terra, também devemos entregar o nosso corpo a Cristo para que Ele possa continuar a obra de Deus por meio de nós. Devemos entregar os membros de nosso corpo como “instrumentos de justiça” (cf. Romanos 6.13) para o Espírito Santo realizar a obra de Deus.

¹⁶ KOESSLER, John. *Manual de pregação*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. 45-47 p.

¹⁷ CRANFIEL, Charles E. B.. *Comentário de Romanos: versículo por versículo*. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Vida Nova, 2005. 265-268 p.